

O PAPA

Anthony McCarten

O PAPA

Francisco, Bento XVI
e a Decisão Que Abalou o Mundo

Tradução de
GONÇALO NEVES



*Aos meus pais:
à minha mãe, que sempre desejou percorrer o Céu de mota;
ao meu pai, que me aconselhou a «manter a fé»
antes de me deixar; e a Eva, que me mostrou as vistas de Roma
do alto da Villa Borghese.*

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	11
1. CONCLAVE	29
2. FRANCISCO	61
3. CONCLAVE	119
4. O PAPA RELUTANTE	165
5. A RENÚNCIA DE UM PAPA	183
6. CONCLAVE	199
7. UM SEGREDO INCÓMODO	219
8. <i>HABEMUS PAPAM... ITERUM</i>	247
9. O PAPA <i>SUPERSTAR</i>	259
<i>Epílogo</i>	283
<i>Agradecimentos</i>	291
<i>Notas</i>	293

PRÓLOGO

No dia 11 de Fevereiro de 2013, quebrou-se uma tradição de setecentos anos: o papa Bento XVI, anterior guardião da doutrina e fiel herdeiro de João Paulo II, *o Grande*, cuja longa agonia precedera o seu pontificado, fez um anúncio surpreendente. Após oito anos de pontificado, iria renunciar, devido à idade avançada, mas manteria o título de «Papa Emérito» até ao fim dos seus dias.

Volvidas algumas semanas, as pesadas portas da Capela Sistina, no Vaticano, foram seladas, e os cardeais, reunidos em conclave pela segunda vez em menos de uma década, foram convidados a escolher um novo líder espiritual dos 1,28 mil milhões de fiéis da Igreja Católica. Quando as portas se abriram novamente, passados alguns dias, fora eleito o carismático argentino Jorge Bergoglio, que viria a escolher o nome de Francisco. O mundo, pela primeira vez desde 1415, tinha dois papas vivos.

As razões para o cataclismo de Bento XVI alimentaram muita especulação. Certamente que um papa *tem* de morrer em funções. Não era essa uma das inerências do cargo? Não se tratava apenas de uma tradição: era praticamente um dogma. *The Washington Post*, citando um especialista em teologia, explicava: «A maior parte dos papas da era moderna entendia que a renúncia é inaceitável, excepto em casos de doença incurável ou debilitante: é que, nas palavras de Paulo VI, não se pode renunciar à paternidade.»

A renúncia do papa Bento XVI não era inédita, assim como o dilema de haver dois papas vivos. Na longa história da Igreja, houve três papas que renunciaram, enquanto 263 não o fizeram. O papa Gregório XII renunciou em 1415, no auge de uma luta política entre a Itália e a França, que disputavam o domínio efectivo sobre a Igreja Católica. Mas é necessário recuarmos a 1294, a Celestino V, para encontrarmos um papa que decidiu de moto próprio — por «desejar usufruir da tranquilidade da sua vida anterior» — deixar o cargo.

Na altura, a renúncia de Celestino V provocou indignação. Há uma passagem no terceiro canto do Inferno, na *Divina Comédia* de Dante, em que Virgílio guia Dante através dos Portões do Inferno. Antes de chegarem ao Inferno, passam por uma antecâmara onde ressoa uma cacofonia de gritos de agonia proferidos pelas almas miseráveis que viveram uma vida «sem infâmia e sem louvor»¹; pessoas, de facto, piores do que os pecadores, pois fracassaram em agir, vacilaram na fé ou não cumpriram promessas feitas. Dante olha para o semblante apático daquela turba de condenados, até que, a dada altura, avista um homem, que descreve da seguinte forma: «Depois de haver alguns reconhecido, vi, conheci, da sombra a lividez que por vileza a mor escusa há tido.»² Referia-se, obviamente, ao papa Celestino V, cuja renúncia horrorizara de tal forma o insigne poeta florentino que este acabou por o imortalizar na sua *opus magnum*.

Assim, sabendo da indignação que uma renúncia papal causaria, por que razão Bento, o papa mais tradicionalista da era moderna, terá tomado a atitude que mais contraria essa mesma tradição? Alegar apenas motivos de saúde não parece constituir uma explicação válida; na verdade, geralmente tem sido uma *mais-valia* para qualquer papa o facto de poder reviver — de forma

¹ *Inferno*, III, 36, na tradução de Vasco Graça Moura (*A Divina Comédia* de Dante Alighieri, Lisboa, Bertrand, 1996, p. 47). (*N. do T.*)

² *Inferno*, III, 58-60. *Ibidem*, p. 49. (*N. do T.*)

visível aos olhos do mundo — o sofrimento de Cristo na cruz. Há um mistério adicional que importa desvendar: como pôde este ultraconservador e protector da fé, este guardião da doutrina, considerar sequer a hipótese de renunciar, sabendo de antemão que iria entregar a Cadeira de Pedro ao radical Jorge Bergoglio, um homem tão diferente dele em termos de carácter e de pontos de vista?

Este livro narra a história de um par insólito, de dois papas, ambos imbuídos de enorme e indiscutível autoridade, que se influenciaram mutuamente de forma profunda e cujos destinos acabaram por convergir.

Vejamos Bento XVI primeiro, o ex-cardeal Joseph Ratzinger, um intelectual alemão, desconfiado por natureza, um introvertido dado ao luxo e à elegância no modo de trajar, que retomou a tradição papal de usar sapatos vermelhos de veludo, que encarregou um fabricante de perfumes de criar uma fragrância para seu uso exclusivo, que sente que a *recusa* da Igreja a transigir e a mudar é a sua maior força e, sem dúvida, o segredo da sua intemporal durabilidade. Embora sincero no que diz respeito aos seus deveres sagrados, trata-se de uma pessoa claramente incapaz de despertar empatia no comum dos mortais. Um teólogo solitário sem qualquer experiência de trabalho de campo. Que não é amante de qualquer desporto, que se saiba. Que nunca terá proferido, ao que conseguimos apurar, qualquer palavra romântica a outra alma.

Francisco, por outro lado — que dá pelo nome de cardeal Bergoglio no início desta história —, é um argentino carismático, engraçado; aparentemente, trata-se de um homem humilde, extrovertido, simples no trajar (calçou o mesmo par de sapatos pretos durante vinte anos, e ainda usa um *Swatch*), que a espaços se tem revelado defensor da teologia da libertação, um movimento católico que procura auxiliar os pobres e oprimidos através da participação *directa* na vida política e cívica. Trata-se de uma pessoa capaz de despertar empatia no comum dos mortais.

Um homem do povo, que até teve uma namorada em tempos, que trabalhou como segurança num clube de tango e que adora futebol.

O «pecado» é um tema na vida destes dois homens, nomeadamente a graça e a sabedoria extraordinárias que advêm quando um pecador é capaz de reconhecer os seus erros e de se libertar do fardo dos seus pecados. Não será mais sábio e não terá mais valor como futuro professor, curador e guia quem tenha adquirido um conhecimento abrangente e directo de determinada fraqueza humana ou de algum erro ou problema e tenha conseguido erguer-se da sua própria zona de penumbra para vislumbrar a verdadeira dimensão desse problema? Pela mesma ordem de razões, não terá menos valor, e não será até mais perigoso, quem não tenha sido bem-sucedido a este respeito?

Jorge Bergoglio assume abertamente a sua condição de pecador e não se cansa de frisar que não se trata de nenhum eufemismo nem de meras palavras. Já pecou. Vai ainda mais longe, ao afirmar, de forma controversa, que não basta confiar o ritual da confissão dos pecados a um sacerdote. Devemos tomar medidas concretas para expiarmos os pecados na vida diária e introduzir mudanças verdadeiras e profundas na mesma. Ninguém fica com a folha limpa com uma mera visita ao confessionário de um padre. É preciso *agir*. Como afirmou Bergoglio: «O pecado é mais do que uma mancha que se possa remover num estabelecimento de limpeza a seco. É uma ferida que precisa de ser tratada e sarada.»

Esta lógica aponta para uma autêntica agenda reformista, a qual, caso fosse instituída, chegaria naturalmente a muitas outras áreas da fé e do ensino doutrinário. Por que motivo, por exemplo, haveria um sacerdote celibatário de sentir confiança para tratar de temas de sexualidade? A verdade é que a Igreja deveria, com toda a franqueza, reconhecer que não é a entidade mais indicada para impor os seus pontos de vista nesta matéria. De que forma poderão estes celibatários, que renegam o sexo, julgar os seus

paroquianos sexualmente activos, cuja experiência de vida será muito mais completa e mais variada do que a deles? Tal como Frank Sinatra afirmou de forma jocosa: «Sua Santidade, se não joga este jogo, não estabeleça as regras.» Ou de que forma, por exemplo, poderá um noviço celibatário, no dia da sua ordenação, quando solicitado a renunciar ao sexo para o resto da vida, ter a sensatez suficiente para saber ao que está a renunciar? É impossível sabê-lo. Se este ingénuo nunca explorou os seus próprios impulsos sexuais, o que há-de fazer, caso esses impulsos, um dia, o acometam? Tal como aconteceu a tantos antes dele, será forçado a levar uma vida dupla, por vezes com consequências desastrosas e até com muitas vítimas inocentes. E por que motivo há-de a Igreja estar habilitada a dizer que só os celibatários têm aptidão para ensinar no púlpito o ministério de Deus? Além disso, se a história de Adão e de Eva é, como afirmou Francisco, uma mera parábola, que não deverá ser interpretada de modo literal, o que lança uma nova perspectiva sobre todo o mito dos sete dias de criação, que outras partes das sagradas escrituras deverão ser consideradas faz-de-conta? Será que até a história de Cristo ter ressuscitado de entre os mortos e de o seu corpo ter ascendido ao Céu já não passa de uma parábola? Se o espírito de franqueza de Francisco se estender logicamente a todas as áreas da fé e do dogma, até onde irão as recalibrações?

A história que segue desenrola-se em grande parte num Vaticano em crise, submerso em escândalos, mas ao qual negaram remédios simples, num Vaticano consciente da necessidade de mudança, mas receoso das consequências dessa mudança, com um papa que — por causa do seu passado — se sente ele próprio com falta de autoridade moral, capacidade e força para lidar com esses escândalos, e um segundo papa, eleito recentemente, que — *por causa* do seu passado — prega a sua liderança espiritual a mais de dois mil milhões de fiéis reconhecendo que é um pecador.

Trata-se de uma etapa crucial na viagem de uma instituição com mais de dois mil anos.



Coloca-se um dilema interessante inerente ao facto de termos dois papas vivos, a qual tem que ver com o conceito de infalibilidade papal.

Vamos abordá-lo de forma sucinta.

Durante dois milénios, a Igreja tentou evitar ter dois papas vivos e praticamente conseguiu-o. Houve até alguns sumos pontífices que foram envenenados, para que tal situação nunca sobrevisse. E qual é a razão? Por que motivo é que um papa não se limita a cumprir um mandato e, em seguida, se afasta, para ser substituído por um homem mais novo? *Infalibilidade*. A graça da infalibilidade. O dom da exactidão, uma dádiva de Deus para com quem ocupa a Cadeira de Pedro, a graça de ter razão, de ter indiscutivelmente razão, no presente e, mais importante ainda, no futuro, durante tempos imemoriais, em todas as questões de doutrina. Quando o papa fala *ex cathedra*, isto é, da Cadeira de Pedro, falando na qualidade de papa e não a título pessoal, as suas palavras fazem parte do Magistério, isto é, do ensino oficial da Igreja Católica, escudada no poder e na autoridade de Cristo. Como poderiam Ratzinger e Bergoglio coexistir e serem *ambos* infalíveis, terem ambos razão, quando aparentemente discordam sobre tantas matérias? Na verdade, parece que, enquanto ambos continuarem a coexistir, hão-de fornecer uma prova eterna sobre a *falibilidade* dos papas, dado que, cada vez que não estiverem de acordo, um dos papas não terá forçosamente razão. E um papa que não tem comprovadamente razão pela mera existência do seu irmão gémeo, de uma voz que contrabalança a sua, não é papa. Cada vez que o papa emite um juízo, eis que caminha e respira a refutação, o contra-argumento vivo, que o invalida. Como poderão ambos possuir a graça de Deus e serem abençoados com o dom da suprema sabedoria... se não estão de acordo?

Desta forma, por estarem disponíveis, no momento em que escrevo estas linhas, dois pontos de vista papais, os católicos

(e até alguns líderes da Igreja) podem escolher qual o papa e qual a posição papal que mais lhes convém, a beneditina ou a franciscana, o que evidencia a realidade do dilema de, na prática, haver dois homens de branco. O cardeal norte-americano Raymond Burke, um ultraconservador que não se coíbe de verbalizar as suas críticas a Francisco, revelou a um jornal católico em 2016: «O meu papa é Bento XVI.» O arcebispo Carlo Maria Viganó, ex-embaixador papal nos Estados Unidos e conhecido pelas suas posições conservadoras, apelou mesmo à *renúncia* de Francisco. Numa atitude que alguns vêem como um acto de vingança por Francisco o ter destituído de nuncio papal (presumivelmente para o castigar, por ele ter promovido uma reunião secreta com conservadores norte-americanos que se opõem ao casamento entre pessoas do mesmo sexo), Viganó alega que terá alertado Francisco para os abusos sexuais cometidos pelo cardeal norte-americano Theodore McCarrick e que Francisco terá demorado demasiado tempo a tomar as medidas adequadas. Quer haja ou não algum fundo de verdade nesta acusação de Viganó não sustentada por provas, é um facto sem precedentes, nos tempos modernos, um papa sofrer um ataque tão cerrado por parte do seu próprio clero.

Mas até Bento XVI, numa rara carta divulgada pelo Vaticano em Setembro de 2018, repreendeu os que, como Burke, ainda lhe juram lealdade, apresentando, desta forma, uma frente unida com Francisco, criticando duramente os que sustentam ter havido uma descontinuidade de teologia e apodando esta sanha anti-franciscana de «preconceito absurdo». Para devolver o elogio, Francisco abraçou publicamente o seu antecessor, comparando-o a «um avô sábio que se tem em casa». Será que os Burkes e os Viganós no seio da Igreja ficaram satisfeitos e se remeteram ao silêncio? Nem por isso. Muito pelo contrário.

Num mundo em que os pobres e os marginalizados atacam o poder instalado, muitas vezes com efeitos autodestrutivos, a Igreja Católica navega em águas deveras inusitadas e perigosas.



Joseph Ratzinger é um homem de fortes princípios. Nesta obra, perscrutarei o seu passado para descodificar as fontes da sua profunda convicção de que a mudança é mais um sinal de fraqueza do que de força.

A sua eleição como papa em 2005, representou certamente uma opção segura, em consonância com as circunstâncias da altura. Bento XVI era *seguro*. Depois de João Paulo II e da sua teatralidade, da sua relação de proximidade e das suas viagens incessantes (terá havido alguma pista de aviação em todo o mundo que os seus lábios não tenham beijado?), a Madre Igreja precisava de descansar, de fazer algumas arrumações a nível interno. Bento XVI, um eminente teólogo, iria reafirmar, proteger e fortalecer a antiga doutrina. Em suma, iria assegurar que as reformas em atraso continuariam em atraso. Era esta a sua força e o seu valor. Já em criança, mantinha o quarto sempre impecavelmente arrumado. Tudo indica que este filho de um polícia acreditava que só com autoridade — com regras, com obediência à lei, com o que é indissolúvel — é que os fiéis encontrariam a verdadeira paz. A dúvida, a incerteza, a vacilação e o revisionismo geram descontentamento, desespero, cinismo e acabam por levar ao desprezo. As almas das pessoas, como tentaria convencer-nos, almejam a certeza. Tem frisado repetidas vezes que, a seu ver, a maior ameaça a esta certeza reside no espírito de relativismo. Nas últimas décadas, tem manifestado o seu desespero perante tantos ventos de doutrina, tantas correntes ideológicas, tantas novas formas de pensar. Num mundo como este, como poderemos saber de que lado está a verdade? O que é a verdade? O mundo estremece com vozes antagónicas — marxistas, liberais, conservadores, ateus, agnósticos, místicos — e, em cada peito, soa o grito universal: «Eu é que digo a verdade! Somente eu!»

Não, afirma Ratzinger, existe apenas uma verdade. Diz o Senhor: «Eu sou a verdade.» De acordo com o ensinamento

de Ratzinger, tem de existir um ponto de referência comum, um *axis mundi*, para evitarmos o caos, a catástrofe e os conflitos. Uma verdade, a partir da qual todos nós poderemos navegar — é esta a posição doutrinária que pode assemelhar-se a uma bússola que aponta em todas as direcções, mas que precisa de ter como ponto de partida o Verdadeiro Norte. Só então é que ela poderá ajudar os viajantes a planearem uma viagem e orientá-los para o caminho certo. O mesmo se aplica à moralidade humana, parece dizer-nos. Qual é o Verdadeiro Norte? Deus. Sem Deus, a humanidade não dispõe de nenhum ponto de referência consensual, não possui nenhum *axis mundi*. Qualquer opinião é tão válida como qualquer outra. A verdade torna-se relativa. Matar Deus é, na verdade, matar qualquer esperança numa verdade absoluta. A verdade de cada um a cada um pertence, a minha a mim me pertence, o que enclausura cada um de nós numa prisão constituída pela nossa própria interpretação do bem e do mal.

É esta a grande crise da vida ocidental, de acordo com a percepção de Ratzinger: a maldição do relativismo. Quais os danos que daí advêm? Ratzinger apercebeu-se claramente da forma como, pelo menos no mundo anglófono, havia cada vez menos pessoas a alimentar o seu lume com as chamas acesas por dois mil anos de fé cristã. Vejamos o caso dos Estados Unidos. Se os ex-católicos forem considerados um grupo religioso com existência própria, então constituem actualmente a quarta maior religião nesse país. Na Grã-Bretanha, hoje em dia, mais de metade das pessoas com menos de quarenta anos garantem que não têm qualquer religião. Por que razão tem havido tanta gente a abandonar as igrejas de forma discreta, mas constante?

Havia outras crises, e mais prementes, à sua espera quando assumiu o pontificado — e eram bastantes. Havia eclesiásticos, seus congéneres, seus funcionários, colegas de trabalho na vinha do Senhor, que andavam a cometer crimes. Crimes que envolviam botões, muitas vezes botões de *crianças*, fechos-*éclairs*, mãos, órgãos genitais, bocas; violações, traições, segredos,

intimidações, mentiras, ameaças, traumas, desespero, vidas arruinadas; e tais prevaricações ocorriam num ambiente de beatice, com um odor de incenso antigo. Cada um destes escândalos, de uma forma ou de outra, abalava Bento XVI e minava a sua crença no papel que ele próprio poderia desempenhar para resolver a situação. Até que acabou por abalar o mundo. Fez o que parecia impensável. Bateu com a porta. E, ao fazê-lo, este grande tradicionalista, ironicamente, subtraiu à Igreja uma certeza crucial na qual os fiéis que restam sempre tinham confiado: um papa é papa para toda a vida.

No outro extremo do espectro, em muitos aspectos, encontra-se Jorge Bergoglio, o reformador. Mal acabara de se tornar o papa número 266 e de escolher o nome de Francisco, e já proferia surpreendentes comentários *ad libitum*. O sumo pontífice rapidamente começou a andar nas bocas do mundo, e toda a gente perguntava «*O que é que o papa acabou de dizer?*». Uma lufada de ar fresco, com um carisma de estrela de *rock*, e também a fazer lembrar John Lennon (tanto um como outro foram capa da revista *Rolling Stone*), com certa propensão para proferir declarações completamente surpreendentes, daquelas de cortar a respiração mesmo aos seus mais fervorosos admiradores. Equivalente ao comentário de Lennon, segundo o qual os Beatles eram «mais populares do que Jesus», o que levou os fundamentalistas da América profunda a desatar a queimar os seus discos, terá sido a surpreendente afirmação de Bergoglio de que até os pagãos podem ir para o Céu. Os pagãos? A sério? Esses adoradores de ídolos de madeira, que passam o domingo a dormir, vão para ao Céu assim sem mais nem menos? Então para que serviriam — interrogavam-se muitos católicos, e com razão — todas aquelas horas infundáveis a rezar de joelhos, até ficarem dormentes, todos aqueles sermões e raspanetes proferidos do púlpito, todas aquelas visitas ao confessionário e subsequente penitência,